



Divulgação

*Curadoras desbravam as fronteiras da invenção de nosso histórico cinematográfico ao escalar 'Limite', de 1931*

# (Cinema brasileiro) **para inglês ver**

Em meio ao **processo de internacionalização** de nosso audiovisual, o **British Film Institute** leva a Londres uma **retrospectiva** das muitas autoridades de **nossa produção**. Pág. 2

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Muitas vitrines estão se abrindo para o cinema brasileiro no exterior, depois de duas presenças consecutivas de nossos medalhões autorais – “Ainda Estou Aqui”, de Walter Salles, e “O Agente Secreto”, de Kleber Mendonça Filho – no Oscar, a começar da maciça presença de produções nacionais (12 filmes e uma série) na Berlinale, em fevereiro. Dois longas-metragens inéditos se impõe como potenciais escolhas para o Festival de Cannes: “Canção da Noite”, de Maya Da-Rin, e “Leila et La Nui”, de Felipe Barbosa. O anúncio oficial dos concorrentes à Palma de Ouro será feito no dia 9 de abril. Antes disso, no dia 7, “Fernanda Abreu – Da Lata, 30 Anos”, de Paulo Severo, e “Querido Mundo”, de Miguel Fabelba e Hsu Chien Hsin, abrem o Festival du Cinéma Brésilien de Paris, na capital francesa.

Já no Reino Unido, uma iniciativa conjunta do British Council e do Instituto Guimarães Rosa, levará à Inglaterra uma das mostras mais completas de longas com CEP no Brasil que a Europa já viu. A maratona decorre de 1º de maio a 30 de junho, com sessões e eventos presenciais e uma coleção online disponível para a cinefilia inglesa no BFI Player, a plataforma do British Film Institute.

As curadoras dessa imersão, chamada Brazil on Film, Renata de Almeida e Adriana Rouanet, gravitam por tempos distintos de nossa arte, a percorrer experimentos singulares (como “Limite”, de Mário Peixoto, de 1931), passando por exercícios de ruptura e de renovação, o que inclui o filé da Retomada, de 1991 a 2010. “Também Somos Irmãos” (1949), de José Carlos Burle – um dos primeiros longas brasileiros a abordar diretamente o racismo – e pilar da estética glauberiana “Deus e o Diabo na Terra do Sol” (1964) integram a retrospectiva, que levará o complexo cultural BFI Southbank, na Belvedere Road (na margem sul do rio Tâmisa) a respirar cinema brasileiro todos os dias. No dia 12 do mês que vem, elas farão por lá um bate-papo sobre o desenho curatorial seguido de sessão de “Terra Estrangeira” (1995), de Daniela Thomas e Walter Salles.

Responsável por modernizar nosso cinema, Nelson Pereira dos Santos, que nos deixou em 2018, será evocado com seu “Vidas Secas” (1963), numa ponte com a literatura. Por essa mesma trilha literária, passam (cada um com seu estilo) “São Bernardo” (1972), de Leon Hirszman, e “A Dona Flor e Seus Dois Maridos” (1976), de Bruno Barreto.

A programação se abre para perspectivas da região Norte,



Divulgação

‘Também Somos Irmãos’ aborda a dor do racismo institucional no Brasil dos anos 1940

# Portas (e telas)

## abertas para o Brasil



Divulgação

‘O Menino e o Mundo’ mostra ao BFI Southbank que o Brasil anima bem pacas



Divulgação

Zé do Caixão também vai baixar no Reino Unido, no Brazil on Film, com longas de José Mojica Marins

numa triagem dos polos criativos da Amazônia. O onipresente “Iracema: Uma Transa Amazônica” (1975) – que pôs Paulo César Perreio na boleia de um caminhão – volta a ser convocado. Ao lado dele aparecem “Noites Alienígenas” (2022) e “O Pai e o Xamã” (2025), num empenho de se debater identidade, deslocamento e resistência.

Estandartes da invenção como José Mojica Marins, Ozualdo R. Candeias e Rogério Sganzerla não foram esquecidos, nem o mestre do documentário Eduardo Coutinho (e seu “Cabra Marcado Para Morrer”). A evocação ao conceito de maestria se aplica ainda à participação de “Bye Bye Brasil” (1979), de Carlos Diegues, que nos deixou em fevereiro de 2025.

A temporada também destaca

perspectivas indígenas e amazônicas, com títulos como Iracema: Uma Transa Amazônica (1975), Noites Alienígenas (2022) e O Pai e o Xamã (2025), explorando identidade, deslocamento e resistência.

Falando em saudade, um foco especial é dedicado ao cineasta argentino naturalizado paulista Hector Babenco, que completaria 80 anos em 2026. Da obra dele, foram pinçados |O Beijo da Mulher Aranha| (1985), |Lúcio Flávio, o Passageiro da Agonia| (1977) e |Pixote: A Lei do Mais Fraco| (1980). Convocou-se ainda o documentário “Babenco: Alguém Tem que Ouvir o Coração e Dizer: Parou” (2019), de Bárbara Paz.

Tem filme para criança? Como não. “O Menino e o Mundo” (2013), que venceu o Festival de Annecy e levou o animador Alê Abreu a concorrer ao Oscar, será projetado. Também vai passar “Chico Bento e a Goiabeira Mágica” (2024), de Fernando Fraiha, que vendeu um milhão de ingressos em 2025.

O BFI Player entre em sintonia com as exposições do Southbank, e se abre para os premiados “Medusa” (2021) e “Tinta Bruta” (2018), sem esquecer de clássicos como “Macunaíma” (1969) e “Esta Noite Encarnarei no Teu Cadáver” (1967). Os ingressos para maio começam a ser vendidos em 7 de abril para patronos do BFI; 8 de abril para sócios; e 10 de abril para o público em geral.

# Silvio Da-Rin

## no radar da saudade

O 31º É Tudo Verdade prepara homenagem ao documentarista, que teve atuação aguerrida na Secretaria do Audiovisual, ao escalar o longa 'Missão 115' para uma projeção especial

**RODRIGO FONSECA**

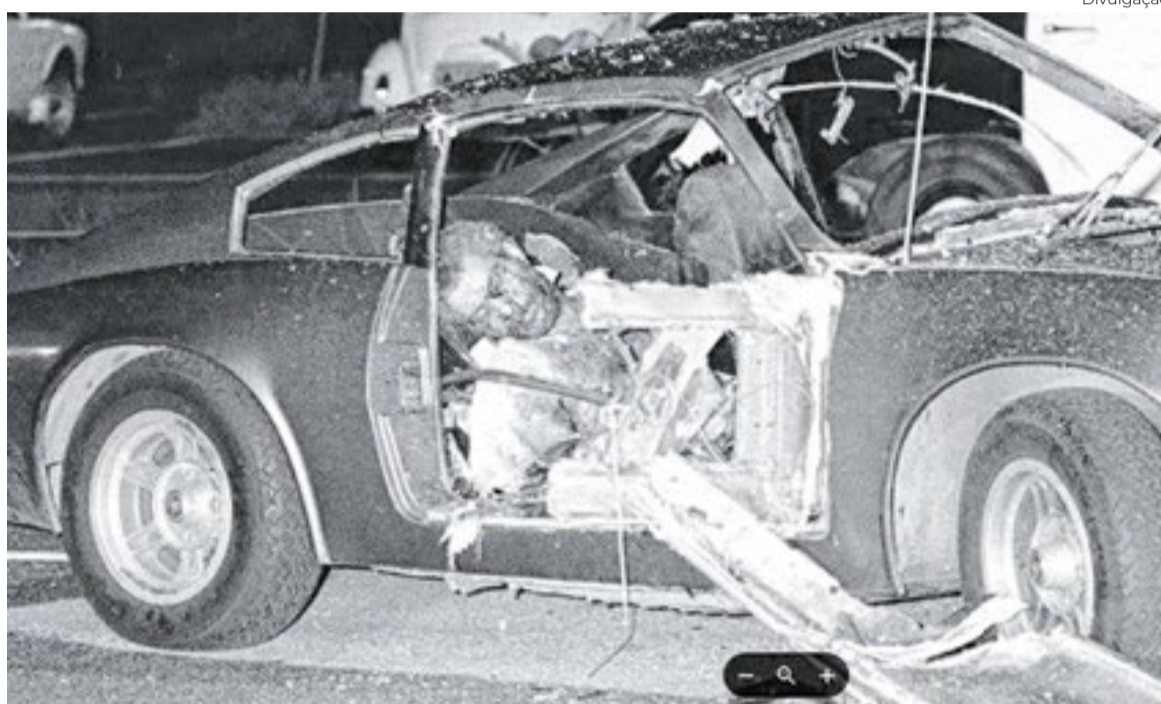
Especial para o Correio da Manhã

**N**as contas do jornalista e curador Amir Labaki, o É Tudo Verdade, vitrine nº 1 das Américas quando o assunto é documentário, terá de 75 filmes de 25 países em sua 31ª edição, agendada de 9 e 19 de abril, em quatro salas em São Paulo e em três salas no Rio - com todas as sessões gratuitas. Ele escalou "Bowie: O Ato Final", de Jonathan Stiasny, para a abertura de sua maratona em solo paulista, na Cinemateca Brasileira, e reservou "Vivo 76", de Lírio Ferreira (sobre o músico Alceu Valença), para a inauguração carioca, na Estação NET Rio. De tudo o que Labaki e sua equipe escalaram, há uma cota para a saudade já assegurada, com o resgate de "Missão 115" (2018).

Sua exibição é um réquiem para o técnico de som, ex-Secretário do Audiovisual e documentarista nato Silvio Da-Rin (1949-2026), que morreu em janeiro, aos 77 anos. O festival sempre contou com a presença do cineasta em suas poltronas. Sua luta em prol de novos e auríferos veios para as jazidas documentais do país incluiu ainda a escrita de um livro seminal: "Espelho Partido", de 2004.

Virtuoso em sua engenharia narrativa, obrigatório como autópsia de um cadáver histórico ainda perfumado a impunidade (no caso, o atentado ao show do Primeiro de Maio de 1981, no Riocentro), "Missão 115" põe carne onde só se encontrariam os verbos "perder" e "silenciar".

Obrigatório em sua exposição da mordada simbólica conservadora dos 21 anos de comando militar neste país, de 1964 a 1985, "Missão 115" começa com um sujeito (civil), em visita a um quartel, esboçando em um papel a arquitetura do espaço de tortura e claustro por onde passou, durante a ditadura. O tal sujeito, que foi preso político, é o próprio diretor do filme, Silvio Da-Rin. Realizador do febril curta "Fê-



Divulgação



Overmundo/Mostra de Tiradentes

Imagem do atentado ao Riocentro recriada em 'Missão 115', de Silvio Da-Rin

Silvio Da-Rin ocupou a Secretaria do Audiovisual no fim dos anos 2000

'A Fabulosa Máquina do Tempo', de Eliza Capai



Divulgação

nix" (1980), ele angariou novos fãs ao escrever sobre a estética do Real no já citado "Espelho partido - Tradição e transformação do documentário" (2004).

Sua reflexão sobre a linguagem documental se reflete aqui na tensão (e no rigor dialético) que costura todo o organismo fílmico deste ensaio investigativo. Há nele um tom de thriller. Sua poética furiosa lembra os melhores momentos do mestre chileno Patricio Guzmán (em especial, "O Botão de Pérola"). E encontram-se em seus planos ecos da trajetória pessoal de Da-Rin, como militante de organizações de resistência ao governo militar. Essa experiência pessoal empresta ao longa uma bem-vinda voz na primeira pessoa a um coro de historiadores, sociólogos e jornalistas que se complementam mesmo nos pontos nos quais se contrastam. O corpo de Da-Rin entra em cena como como um legitimador da memória, a partir dos muitos relatos que colheu (editados por Célia Freitas), fazendo deste .doc um debate sobre a institucionalização do terror. Cada frase - costurada com fotos de época, recortes de jornais e outras matérias do passado - traça uma nova curva no desenho do terrorismo de Estado, mostrando que a bomba que explodiu no colo de dois soldados, no Riocentro, foi plantada como uma estratégia para manter os fardados no Poder. Fazendo da divergência e da dúvida seus instrumentos para exumar a História, Da-Rin sofisticou seu dispositivo formal e nos dá um filme incômodo e vivo.

Paralelamente à homenagem a Da-Rin, o É Tudo Verdade também vai render loas a Silvio Tendler (1940-2025), que morreu em setembro. Da obra desse papa do documentário histórico foi escolhido "Os Anos JK: Uma Trajetória Política" (1980). Nesse fenômeno de bilheteria, que arrebancou 800 mil espectadores, o legado do presidente Juscelino Kubitschek (1902-1976) é o objeto de um estudo meticuloso, que investiga suas realizações, como a construção de Brasília, sua política desenvolvimentista e as crises políticas vividas antes, durante e depois de seu governo.

O festival realiza ainda uma série de mostras competitivas, nacionais e estrangeiras. Na competição brasileira de longas e médias-metragens, concorrem "Apopcalipse Segundo Baby", de Rafael Saar; "A Fabulosa Máquina do Tempo", de Eliza Capai; "Fernando Coni Campos: Cada Um Vive Como Sonha", de Luis Abramo e Pedro Rossi; "Patrulha Maria da Penha", de André Bomfim; "Proust Palimpsesto: Pastiches e Misturas", de Carlos Adriano; "Retiro - A Casa dos Artistas", de Roberto Berliner e Pedro Bronz; "Sagrado", de Alice Riff.

## CORREIO CULTURAL



Divulgação

Milton em 'Rainha Diaba', de Antônio Carlos Da Fontoura

## Canal Brasil traz 12h de Milton Gonçalves

O Canal Brasil dedica a edição de março de Negritudes à trajetória de Milton Gonçalves (1933–2022), um dos nomes mais importantes da cultura brasileira. A maratona começa às 20h desta segunda (30) e reúne 12 horas consecutivas de filmes e entrevistas que revisitam a carreira do ator gigante, referência na luta por representatividade no audiovisual.

A programação abre com o

documentário inédito "Milton Gonçalves, Além Do Espetáculo", de Luiz Antonio Pilar, com depoimentos de Nathalia Timberg, Camila Pitanga, Zezé Motta, Daniel Filho e Tony Ramos. Seguem filmes como "A Rainha Diaba", "Carandiru", "Filhas Do Vento", "Natal Da Portela" e "O Beijo Da Mulher-Aranha", evidenciando a versatilidade de Milton. Três entrevistas encerram a programação.

## Vitrine audiovisual

De 13 a 15 de abril, o mercado de audiovisual do segmento de não-ficção se reúne no Hotel Pullman, em São Paulo, na segunda edição do LatAm Content Meeting. E na programação, além de painéis com temas relevantes e atuais sobre o mercado, se destacam as sessões de pitching. É quando produtoras de diversos países são selecionadas para apresentar projetos para uma platéia formada, entre outros, por importantes tomadores de decisão de grandes players do streaming e da TV.

### Projetos a mil

Em cartaz com infantil Dom Quixote no Teatro Glauco Gill, Alvaro Assad (ator, mímico e diretor) dirige novo espetáculo de Flávia Reis, "Super Ela", comédia que estreia em abril no Teatro Ipanema. Ambos se conhecem há 30 anos, mas há 10 anos planejavam algo juntos.

### Projetos a mil II

Um dos principais nomes da mímica no Brasil, Assad ainda foi responsável por preparar o time de "Missão 171", nova comédia de ação da The Walt Disney Company no Brasil, com estreia prevista para este ano. Ele também faz uma ponta no filme, como um velhinho.

### Moda e sustentabilidade em doc

O canal Fashion TV lança nesta terça (31) o documentário "Seu Estilo, Seu Impacto", uma produção com direção Luciana Brafman e Ricardo Carioba e roteiro de Janaína Fisher, que aborda os desafios da indústria da moda com sustentabilidade e traz depoimentos de Alexandre Herchcovitch (foto), Oskar Metsavaht, Taciana Abreu, Mariana Gatti e André Salem, entre outros.



Divulgação

# Um documento raro (e necessário) da bossa nova

Universal Music Brasil relança o único álbum solo gravado por Gracinha Leporace, gravado em 1968

AFFONSO NUNES

Em tempos de plataformas digitais é sempre bem vinda a iniciativa de gravadoras de revisar seu vasto arquivo analógico e resgatar trabalhos de relevância. E assim fez a Universal Music Brasil ao reeditar um álbum raro de 1968: o único disco solo de Gracinha Leporace, vocalista que se tornaria conhecida mundialmente como integrante dos projetos de Sergio Mendes. O relançamento chega 58 anos depois do lançamento original (pela extinta gravadora Phillips), trazendo de volta um registro que se tornou praticamente inacessível ao longo das décadas — uma oportunidade para redescobrir um momento específico da bossa nova.

Gracinha iniciou sua trajetória em 1965 no Grupo Manifesto, coletivo vocal-instrumental que reunia seu irmão Fernando Leporace, Guarabyra (da dupla com Sá), Lucinha (parceira de Luli) e os futuros produtores Guto Graça Mello e Mariozinho Rocha. Em 1967, o grupo venceu a fase nacional do II Festival Internacional da Canção com "Margarida", enquanto Gracinha conquistava o prêmio de Melhor Intérprete pela interpretação de "Canção de Esperar Você". Esse reconhecimento abriu caminho para o álbum solo de 1968, que seria seu único trabalho como artista individual.

O disco traz arranjos do violonista Oscar Castro Neves e reúne composições de nomes centrais da bossa nova e da música brasileira da época. Há faixas do pai Sebastião Leporace ("Última Batucada"), do irmão Fernando em parceria com João Medeiros Filho ("Em Tempo") e do próprio Fernando ("Canção da Desesperança"). O álbum também inclui trabalhos de compositores revelados nos grandes festivais: Sidney Miller ("Madrugada"), Dori Caymmi e Nelson Motta ("Cantiga"), Guarabyra ("Senhora, Senhorita"),



Rob Mieremet/Anefo

Gracinha Leporace casou com Sergio Mendes e passou a integrar seus projetos logo após lançar seu primeiro e único disco solo

Divulgação



“'Gracinha Leporace' é um dos últimos álbuns com a estética original da bossa nova dos anos 1960”

RODRIGO FAOUR

Amaury Tristão e Roberto Jorge ("Mensagem") e Edu Lobo com Capinan ("Rancho de Ano Novo").

Além das composições originais, o disco apresenta quatro gravações que situam Gracinha no

contexto histórico da bossa nova. "Prece", samba-canção dramático lançado por Lana Bittencourt em 1956, ganha nova interpretação. Duas composições da dupla Carlos Lyra e Ronaldo Bôscoli — "Sem Saida" e "Saudade Fez Um Samba", esta do repertório do primeiro LP de João Gilberto — também integram o trabalho. "Chega de Saudade", o clássico de Tom Jobim e Vinicius de Moraes também recebe a leitura de Gracinha. "Gracinha Leporace" é um dos últimos álbuns com a estética original da bossa nova dos anos 1960", atesta o pesquisador Rodrigo Faour.

O álbum marca um ponto de virada na carreira desta excelente intérprete. Logo após seu lançamento, ela conheceria Sergio Mendes e se casaria com ele, mudando-se para os Estados Unidos em 1970. Tornaria-se a vocalista oficial dos projetos de Mendes pelas cinco décadas e meia seguintes, participando de discos que alcançariam circulação internacional significativa. Esse álbum de 1968, portanto, representa um momento único: o único registro onde Gracinha Leporace figura como protagonista de seu próprio trabalho, antes de sua carreira se entrelaçar permanentemente com a de Sergio Mendes.

## CRÍTICA DISCOS | NAS MARÉS

POR AQUILES RIQUE REIS\*

**H**oje trataremos do álbum “Nas Marés” (selo Klave) do cantor e compositor Marcos Braccini. Desde o lançamento, o CD acompanha três videoclipes; ao longo do ano, a eles se somarão outros nove que ilustrarão as onze faixas gravadas. Nas Marés (2026) é o terceiro trabalho solo de Braccini – precedido por “Pós-Noturno” (2014) e “Wiara” (2015). Produtor, arranjador, poeta e compositor, Braccini é graduado em Composição pela Escola de Música da UFMG e estudou na Film Scoring Academy of Europe (Bulgária), na Akademia Muzyczna w Krakowie (Polônia) e na Fundação de Educação Artística de Belo Horizonte.

A tampa abre com “Evangelho” (já lançada em videoclipe), obra-prima de Dori Caymmi e Paulo César Pinheiro que vem acrescida do poema incidental “Vidência”, também de Paulinho Pinheiro. O arranjo de Rafael Martini agrega mais vigor à melodia e aos versos enérgicos e fortalece a música, enquanto a intro cabe ao violoncelo de Maria Clara Valle. A flauta de Alexandre Andrés vem, e logo o clarinete de Alexandre Silva se junta a ela. O trombone de Jonas Hocherman encorpa o som com o apoio do baixo de Paulo Sartori e da pegasda da bateria de Felipe Continentino. O piano de Rafael Martini, ele que é também diretor musical



Luciana Gama/Divulgação

Músico de rara criatividade, Marcos Braccini consolida a carreira com ‘Nas Marés’

# Um artista esplêndido

do CD, enobrece a melodia genial de Dori. E assim, Braccini canta convicto de que sua escolha para abrir o álbum determinará a potência do que virá a seguir. Como se não bastasse, a poetisa Brisa Marques faz uma leitura absolutamente emocionada do poema “Vidência” – é quando o



Divulgação

comentarista se vê emocionado com o que ouve.

Você, gente boa, que lê esta resenha, precisa ratificar o que digo, para então também deixar-se seduzir pela beleza que tocará o seu coração.

A seguir, “Itinerário”, de Marcos Braccini, Flávio Henrique e

Brisa Marques (também já lançado em videoclipe), tem participação especial das vozes de José Miguel Wisnik e Ilessi, juntas à de Braccini. Acompanhado pelos mesmos instrumentistas da faixa anterior, Zé Miguel inicia cantando com violoncelo, flauta, trombone e clarinete, que amparam sua voz diferenciada. Logo desponta outra voz de impressionante beleza: Ilessi... ela que antecipa um intermezzo de trombone, piano e bateria que, por sua vez, aguardam a voz de Marcos Braccini. E ouve-se as vozes comovedoras. Amparado pelo violão, o piano vem em novo intermezzo. Um improviso de trombone e piano antecede um arranjo que rola arritmo, enquanto o trio canta com alma enternecedora. Eis que o violoncelo, tangendo apenas uma corda, arremata. Meus Deuses!

Concluo: “Nas Marés” consolida a carreira de Marcos Braccini, um músico de rara criatividade. Ouçam o álbum em <https://11nq.com/i9da8ow>.

## Ficha técnica

Produção: Marcos Braccini, Rafael Martini e Pedro Durães; mixagem: Ricardo Mosca; masterização: Carlos Freitas (no Classic Master USA); gravação: Pedro Durães; gravação de vozes: Rafael Dutra; pós-produção: Pedro Durães; pós-produção adicional: Rafael Dutra.

\*Vocalista do MPB4 e escritor

## UNIVERSO SINGLE

POR AFFONSO NUNES



Luana Tayze/Divulgação

### Ciclos e transformações

A cantora e compositora potiguar Leoa lançou “Tudo São Fases”, single em colaboração com Léo da Bodega que marca novo momento após o álbum “Original Malokera” e chega às plataformas com clipe gravado em Genipabu (RN). Os versos nasceram durante viagens de Leoa pela Amazônia, período de reflexão sobre “pertencimento e carreira independente”. Em estúdio, a colaboração com o pernambucano consolidou uma sonoridade afrobeat com brasilidade, usando a maré como metáfora para ciclos e transformações da experiência humana.



Divulgação

### Movida a inquietações

A banda carioca Pretos Novos lançou nas plataformas digitais “Flow CBJR”, um manifesto sonoro que mescla rap, rock, groove e psicodelia. A faixa, descrita pelo grupo como “jazzada” ou “slowfunk-soulmetal”, incorpora peso, balanço e irreverência para expressar inquietações contemporâneas. Com influência de Charlie Brown Jr., a música aborda a não conformidade com o poder monetário e a importância da autonomia individual. O grupo transita entre a urgência do rap, a distorção do rock e a pulsação do funk e soul.



Divulgação

### Entre o protesto e a alegria

O cantor e compositor cearense Giuliano Eriston acaba de lançar, via Indie Records, o single “Teia”, produzido em parceria com Pedro Baby. A faixa aborda os riscos das redes sociais de forma alegre e crítica, misturando samba, ijexá e vassi com arranjos de metais inspirados em Tower of Power e Moacir Santos. “Procurei buscar inspiração em grandes artistas que misturavam o protesto com a alegria, que é uma junção muito importante da nossa cultura”, diz o artista. É o quarto single antes do álbum “Politonia”, previsto para abril.

**T**udo começou de forma despretensiosa, fruto de uma imitação. Em cartaz no Teatro Cândido Mendes, em Ipanema, “Minha Avó É Muito Louca” dá vida a Neide, uma senhora de 92 anos que transforma o palco em sala de estar e a plateia em confidente. O monólogo, escrito e interpretado por Dan Rocha com direção de Pedro Vasconcelos, apresenta uma personagem que não pede licença, não pede desculpa e muito menos baixa o volume — um retrato exagerado e reconhecível de muitas mulheres brasileiras na terceira idade.

Neide navega entre memórias familiares, sexo na terceira idade, tecnologia, religião, velórios, golpes de telefone e uma impaciência sem limites com o mundo moderno. O que começou como brincadeira virou dramaturgia. Durante um encontro, Vasconcelos viu Dan imitar uma de suas avós e sugeriu: “Você precisa fazer uma peça sobre isso.” O ator resistiu inicialmente — era pessoal demais — mas compreendeu que aquela avó era também a avó de todo mundo e mergulhou no projeto.

A personagem nasce da fusão das duas avós de Dan com traços de sua mãe: gestos, frases, temperamentos e contradições que atravessam gerações. Mas o espetáculo carrega também um gesto maior de memória. Cinco anos após a morte de Paulo Gustavo, Dan assume em cena a influência decisiva do artista em sua formação. Fã desde a adolescência, o ator transformou o monólogo em homenagem à liberdade criativa e à autenticidade que marcaram a trajetória do humorista. “Paulo foi uma bússola artística que me ensinou que ser intenso, afetado e exagerado não é defeito, é potência”, garante o ator.

A influência não se limita a Paulo Gustavo. Fábio Porchat também aparece como referência da adolescência do ator. “Eu imitava os dois na escola. Foi ali que entendi que o humor podia ser meu lugar de per-



# Uma velhinha sem filtro

‘Minha Avó é Muito Louca’, em cartaz no Cândido Mendes, traz um retrato o lugar dos idosos no mundo moderno

*Inspirado em suas avós, Dan Rocha criou Neide, uma idosa que não pede licença ou*

tencimento”, conta. Essa genealogia do humor direto, afetivo e sem filtros permeia toda a montagem.

Neide conduz o monólogo entre confissões inesperadas e interações diretas com a plateia, provando que envelhecer não significa parar de viver — significa rir de tudo, principalmente dos próprios

problemas. O espetáculo celebra a liberdade de ser quem se é, independentemente da idade, um gesto de afirmação.

A produção também aposta em estratégia de formação de público com foco original: quem adquirir um ingresso recebe outro, gratuitamente, para levar a avó.

## SERVIÇO

### MINHA AVÓ É MUITO LOUCA

Teatro Cândido Mendes (Rua Joana Angélica, 63 — Ipanema)

Até 30/4, às quintas-feiras (20h)

Ingressos: R\$ 70 e R\$ 35 (meia)

Promoção: Compre um ingresso, leve avó gratuitamente

Classificação indicativa: Verificar com o teatro

## Conto de Andersen vira cordel

Grupo da Baixada adapta ‘O Patinho Feio’ em montagem que mistura teatro e música

A Trupe Investigativa Arroto Cênico, coletivo de Nova Iguaçu que completa 11 anos de trajetória, leva para a Baixada Fluminense uma releitura do conto de Hans Christian Andersen em linguagem de cordel. “O Patinho Feio” chega aos palcos de dois municípios nesta semana com apresentações gratuitas.

A peça, idealizada pelo grupo e produzida por Erick Galvão, Mar-

cos Covask e Nathália Lamim, situa a narrativa clássica no sertão. A dramaturgia trabalha a dicotomia entre feio e bonito numa reflexão sobre diferenças, entendimento e acolhimento do outro. Em cena, os atores Carla Nunes, Cesário Candhi, Erick Galvão, Francisco Farnum e Nancy Calixto acumulam funções: além de interpretar, cantam e tocam instrumentos na



*A aceitação do outro, com suas diferenças, está no eixo da montagem da Trupe Investigativa Arroto Cênico*

montagem que mistura teatro, música e literatura de cordel.

Desde sua estreia em 2021, o espetáculo foi selecionado para 20 fes-

tivais nacionais de teatro e recebeu 22 prêmios, sendo sete de Melhor Espetáculo. A montagem alcançou aproximadamente 12 mil espectadores até agora.

As apresentações de abril fecham a primeira etapa do projeto, que incluiu oficinas de musicalização, literatura de cordel e confecção de figurinos realizadas em Mesquita na semana anterior.

## SERVIÇO

### O PATINHO FEIO

2/4, às 15h: Usina de Cultura Jornalista Tim Lopes (Rua Eliseu de Alvarenga, Nilópolis) 4/4, às 16h e 18h: Espaço Cultural Villelarte (Av. Dr. Luiz Guimarães, 1019 – Centro, Nova Iguaçu) Entrada franca



A intensidade aromática do vinho do Porto entrega novas camadas de sabor na combinação com chocolates

Divulgação

Explore novas sensações combinando a iguaria com vinho do Porto

# A Páscoa além do chocolate

AFFONSO NUNES

**A** Páscoa se aproxima, trazendo consigo o aroma do chocolate e a promessa de momentos especiais. Que tal elevar essa celebração combinando seu chocolate favorito com um bom vinho do Porto? Essa harmonização revela novas (e surpreendentes) camadas de sabor aos paladares mais curiosos.

O segredo para essa união reside

em um princípio fundamental: o vinho deve ter doçura igual ou superior à do chocolate. Ao seguir essa regra, evitamos que o vinho pareça áspero ou que o chocolate anule suas nuances, garantindo que ambos se complementem.

O Porto, vindo das encostas históricas do Vale do Douro, é um vinho que carrega tradição, personalidade e charme antes mesmo da primeira taça. Intenso, de aromas profundos, tem doçura equilibrada e estrutura que conversa lindamente com o cacau.

Para o chocolate ao leite, conhecido por sua suavidade, cremosidade e doçura acentuada, um Porto Ruby é uma escolha natural. Sua vivacidade e notas de frutas vermelhas frescas combinam com a delicadeza do chocolate ao leite e sobremesas cremosas, equilibrando a gordura e realçando os sabores.

O chocolate meio amargo, que oferece um equilíbrio entre açúcar e cacau com maior profundidade aromática, pede um vinho com mais estrutura. Um Porto Tawny, com suas nuances de nozes, caramelo e espe-

ciarias, desenvolve uma complexidade que dialoga com as notas mais intensas do chocolate meio amargo. Recheios de avelã e praliné também combinam.

Para o chocolate amargo 70% ou mais, que apresenta intensidade, amargor elegante e notas de torra como café e especiarias, o Porto Vintage é o parceiro ideal. Sua profundidade, concentração e taninos se entrelaçam com o vigor do cacau, criando uma experiência rica.

Para o chocolate branco, com sua gordura e doçura expressivas,

um Tawny mais jovem pode surpreender. Suas notas de amêndoas e baunilha complementam a untuosidade, desde que o vinho não ofusque sua delicadeza.

“Cada estilo de Porto possui características capazes de valorizar diferentes tipos de chocolate e sobremesas”, destaca Manuela Porto, diretora de experiências da Woodswine.

Com seus ovos recheados e sobremesas temáticas, a Páscoa oferece muitas oportunidades de harmonização com o Porto. Ovos com avelã, caramelo ou praliné harmonizam com Porto Tawny. Recheios de frutas vermelhas combinam com Porto Ruby. Mousses e tortas de chocolate podem ser elevadas com o vinho certo.

Para uma degustação sem complicação, sirva o vinho do Porto ligeiramente fresco, entre 14°C e 18°C, para que seus aromas se revelem plenamente. O chocolate não deve ser servido excessivamente frio; o ideal é em temperatura ambiente, liberando todo seu potencial de sabor. Ao provar, comece pelo vinho e depois saboreie o chocolate; essa sequência permite apreciar as nuances de ambos individualmente antes de experimentar a harmonia. Deguste com calma, observando a transformação dos sabores na boca.

O Porto também pode ser um ingrediente na cozinha de Páscoa. Use-o em trufas, ganaches ou mousses de chocolate para adicionar profundidade e uma elegância inesperada.

Harmonizar vinho e chocolate não exige técnica, apenas curiosidade e espírito aberto. Permita-se essa experiência. Você pode descobrir um universo de sensações, e isso já vale um brinde.

## NOTÍCIAS DA COZINHA

POR NATASHA SOBRINHO



Divulgação

### Páscoa para crianças

Em clima de Páscoa, o Nolita Roastery, no New York City Center (Barra), convida os pequenos para uma experiência lúdica e criativa com o seu módulo especial de confeitaria temática. Nesta segunda e quarta (30/3 e 1/4), às 17h, a casa realiza aulas especiais comandadas pelo chef pâtissier Felipe Appia, com receitas inspiradas no universo da Páscoa, explorando chocolates, doces e preparos que encantam as crianças. Voltada para crianças de 6 a 14 anos, a atividade tem uma hora de duração e proporciona vivência prática, educativa e interativa.



Yasmim Alves/Divulgação

### Novo executivo no Koral

Para tornar a hora do almoço mais saborosa, o Koral, em Ipanema, lança seu novo Menu Executivo, agora com renovação quinzenal, trazendo novidades para surpreender os clientes e estimular a descoberta constante de novos sabores. Assinado pelo chef Pedro Coronha, o menu é servido de segunda a sexta-feira, das 12h às 16h, com entrada, prato principal e sobremesa, oferecendo uma experiência gastronômica em três tempos. A proposta quinzenal permite que o restaurante explore ingredientes sazonais e crie combinações inéditas.



Divulgação

### Festival de Moqueca

O Clássico Beach Club Leme faz do cenário paradisíaco da orla palco para uma experiência gastronômica com sabor, música e atmosfera descontraída. A casa lança o Festival de Moqueca, de sexta a domingo, a partir das 12h, com música ao vivo embalando o clima à beira-mar. Entre as opções do cardápio destacam-se a Moqueca de Camarão com Banana, com camarão, banana-da-terra e lascas de coco e a Moqueca Vegana, que traz banana-da-terra cozida lentamente no leite de coco e azeite de dendê, com aromas de coentro e especiarias.

## FOTOCRÔNICA | CARLOS MONTEIRO

FOTOS E TEXTO

## Discordar se faz necessário

Hoje acordei disposto a discordar dos poetas. Sim, discordar, ainda que isso possa parecer um tremendo absurdo. Com toda licença, a licença poética, meus versejadores queridos, mas preciso discordar, se faz necessário...

Discordo de você, Vininha quando poetiza: “As muito feias que me perdoem / Mas beleza é fundamental. É preciso / Que haja qualquer coisa de flor em tudo isso / Qualquer coisa de dança, qualquer coisa de haute couture...” Não, querido Bardo Maior, com todo respeito e admiração que tenho a você, não há uma ‘Receita de Mulher’, elas não são uma simples ‘fórmula’ dividida em quantitativos que, misturados em ‘modo de preparo’ se fazem existir. Não mesmo, meu Poetinha.

Não existem as muito feias, ou as muito bonitas; as muito magras ou as muito gordas; as muito baixas ou as muito altas; as de cabelos longos ou de cabelos curtos, as assim ou assado... ‘Tã, eu entendi que isso é um simbolismo utópico, não quero ser chato ou intransigente. Já comentei: minha admiração por você transcende a qualquer coisa. Te vejo como um deus no Olimpo de Apolo, te vejo como o próprio, grande parceiro de Orfeu, que deu Tom ao Brasil – sonoro e matizado. Meu querido vate gigante, o que existe nestas mulheres enumeradas?

— Mulheres!

Elas são seres humanos, são mulheres, sempre deslumbrantes, não importa de que forma, formato, altura, peso, tom dos olhos, dos cabelos, da pele. Sempre lindas, sempre vivas, sempre mulheres!

O importante é o que está nos olhos, no olhar tenro e eterno. Vininha, a beleza tem que ser fundamental no olhar, naqueles olhos cor de jade, mel, jabuticaba, âmbar, sapoti, violeta, mar, olhar, no olhar. Vininha, você reparou no olhar? Você que amou e amou e foi tão feliz ao lado e do lado delas. Que se entregou, que se deu por completo, observou no brilho que há em cada olhar? Percebeu a ternura que existe em cada um deles? Entendeu as respostas contidas em cada simples pestanejar? Atentou como um olhar cândido pode tudo? Você reparou como um olhar pode significar tudo? E, como significa!

Gil encantou com: “... Quem sabe / O Super-homem venha nos restituir a glória / Mudando como um deus o curso da história / Por causa da mulher...” Vininha, você que tantas vezes mudou o rumo da história, já percebeu “...Um sexto sentido / Maior que a razão, (que elas têm?) / Gata borralheira / Você é princesa...” – Rita Lee e Roberto de Carvalho. Elas nunca perdem a majestade, não importa em que circunstâncias, jamais perdem a majestade. São deusas no Olimpo maior chamado amor. Desta vez, meu caro amigo, vou ficar com os ensinamentos do Chico, aliás você já reparou, o quanto elas gostam dele? “Quero ficar no teu corpo feito tatuagem / Que é pra (me) dar coragem / Pra seguir viagem / Quando a noite vem...” Quero estar rabiscado por lá, numa eterna “prova de amor”, marcada em minha pele.

E o Rei? Porque tem que ser assim, inteiro, completo “Abrindo os braços pra se guardar / Que eu todo vou me entregar...”

Vininha, vamos amá-las, empondera-las, vamos dizer que são ‘bonitas e gostosas’ freneticamente sempre.

Vamos cantar para Camilas, Annas, Julias, Bárbaras, Amélias, Bebetes, Helenas, Irenes, Sônias, Carolinas, Lígias, Doras, Evas, Marias, Odaras, Teresas, Maris, Janaínas, Floras, Renatas, Alessandras, Veras, Celinas, Paulas, Joanas, Manus, Adelaides, Berenices, Monalisas, Doras, Marinas, Iracemas, Gabrielas, Adrianas, Euviras, Flávias, Doralinas, Cristinas, Eleonoras, Sandras, Rosas, Madalenas, Maris, Margaridas e todos os outros nomes que o dicionário possa comportar, vamos bradar sempre aos quatro cantos:

Eu vejo flores em vocês!

